



# AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGÜÍSTICA



## APRESENTAÇÃO

### ***IMPRESSIONISMO E LITERATURA***

“Impressionismo” e “literatura” são termos que, o mais das vezes, não caminham juntos. Estamos acostumados – quiçá, anestesiados – pelas frequentes discussões sobre o impressionismo pictórico, e reconhecemos, sem muito custo, suas contribuições históricas (e.g. reconfiguração do mercado de arte) e estéticas (e.g. formação das vanguardas do século XX), sem que consideremos seus possíveis contrapontos com o texto literário.

Contudo, não é de hoje que se debate a possibilidade de uma ponte entre “impressionismo” e “literatura”: ao menos, é o que ocorre desde um artigo escrito *em 1879* por Ferdinand Brunetière, “*L’impressionnisme dans le roman*”. Atentando para a data mencionada, talvez seja válido cogitar que o impressionismo literário seja quase tão antigo quanto o impressionismo pictórico – quiçá contemporâneos, se pensarmos que os pintores apenas se autodefinem como “impressionistas” em sua terceira exposição coletiva, datada de abril de 1877, numa espécie de provocação ao rótulo (criado por Louis Leroy em sua antológica crítica do *Charivari*) de “mal-acabadistas”, “incompletistas”, vinculando à ideia de *impression-nisme* a de “*peinture d’impression*”.

Como se sabe, à “*peinture d’impression*” corresponde a primeira demão de tinta sobre a tela, destinada a deixar menos porosa a tinta que se lhe vai por cima. O rótulo “impressionista” tem, assim, uma clara intenção de rebaixar a categoria dos novos quadros para a de uma pintura tão corriqueira quanto a pintura de um muro. É curioso que os próprios pintores assumam a provocação e erijam a instantaneidade da pintura – e do olhar – como parâmetro de identificação do grupo, formado por autores tão díspares entre si como (na mencionada exposição de abril de 1877) Monet, Degas, Renoir, Morisot, Caillebotte, Guillaumin, Sisley, Pissarro, Cézanne et al.

Contudo, é lícito observar que a possibilidade de um impressionismo *literário* vai além da ideia de um impressionismo *na literatura*. Tal nuance de significação perpassa boa parte da fortuna crítica dedicada aos pontos de contato entre “impressionismo” e “literatura”, deparando-se com a existência de uma revolução estética paralela, complementar, entre dois meios artísticos distintos.

A descoberta da instantaneidade da consciência por diversos escritores de fins do século XIX e início do XX acompanha *pari passu* as descobertas dos pintores mencionados,



operando uma revolução na literatura tão importante quanto aquela da pintura. Não seria possível compreender a moderna teoria da narrativa, por exemplo, sem a experimentação ficcional (e teórica) de um Henry James: afinal, para haver verdadeira contiguidade fenomenal entre vida e literatura, muitos escritores percebem o quanto é preciso atentar para os limites da percepção dos entes ficcionais.

Assim, temos diversos exemplos nas literaturas do período, que demarcam um fenômeno mundial de reorientação do pensar e do fazer ficcional: Machado de Assis, Édouard Dujardin, Stephen Crane, Joseph Conrad et al.

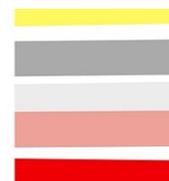
O dossiê temático deste número exemplifica os benefícios do diálogo entre o impressionismo pictórico e o literário. Nos textos aqui reunidos, temos diversas amostras do vivo diálogo que se pode estabelecer entre pintura e literatura, capaz de levar à revisão de importantes obras e autores da literatura universal.

### **Dossiê Temático**

O presente Dossiê Temático consiste da contribuição de onze artigos. No primeiro deles, “Os traços impressionistas nas crônicas de Raul Pompeia”, Alex Rogério Silva discute o impressionismo literário a partir da crônica “O Carnaval no Recife”, publicada a 10 de março de 1886 na *Gazeta da Tarde* (RJ). A partir de um levantamento da biografia de Pompeia e de uma discussão acerca dos pontos de contato entre o impressionismo pictórico e o literário, Silva faz uma análise da crônica em questão, destacando seus pontos de contato com a tela “Baile à fantasia”, de Rodolfo Chambelland.

A seguir, em “A memória e o impressionismo em *La fatiga del sol*, de Luciano González Egido”, Carolina Piovam debate a presença do impressionismo literário no mencionado romance de Egido a partir do entrecruzamento narrativo de vozes nas memórias de Abdón. Piovam aponta na recuperação estratégica do passado, mediante a reconstrução de “*la casa de mi memoria*” pelo narrador, a experimentação com a focalização narrativa, tematizada pelo olhar das personagens através da janela da sacada, mirando a “*fatiga do sol*”.

Por sua vez, Cedric Watts, em “*Joseph Conrad and ‘literary impressionism’: a term best avoided?*”, discute a plausibilidade de aplicação do conceito de impressionismo literário à obra de Conrad. Watts destaca, para sua resposta ponderadamente negativa, detalhes do

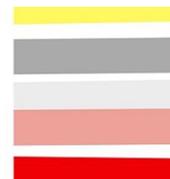


prefácio de Conrad a *The nigger of the Narcissus*, assim como os múltiplos sentidos do conceito de *delayed decoding*, proposto por Ian Watt.

Em “Uma reflexão sobre o impressionismo literário através de críticos brasileiros”, Cláudia Maria de Serrão Pereira faz um levantamento da fortuna crítica brasileira dedicada ao conceito de impressionismo literário, com destaque para Afrânio Coutinho, Vitor Hugo Fernandes Martins e Franco Sandanello. A partir de uma discussão contextual sobre os pontos de diferença entre a França e o Brasil em fins do século XIX, Maria Serrão aponta em Coutinho uma *leitura textual* do impressionismo literário, pautada na Nova Crítica da década de 1960; em Martins, uma *leitura filosófica* do impressionismo literário, dedicada à observação de pequenos detalhes narrativos, que passam a ganhar novo relevo; e, em Sandanello, uma *leitura narrativista* do impressionismo literário, baseada em um “nivelamento epistemológico”, através de recursos narrativos, “entre o narrador e o leitor a ser interpretado”. Por fim, Maria Serrão faz uma análise do conto “O violinista”, de Menalton Braff, destacando diversos elementos da discussão conceitual anterior.

A seguir, Edcarlos Nogueira Coppola e Gisele Novaes Frighetto, em “Aspectos do impressionismo literário no conto ‘A marca na parede’, de Virginia Woolf”, discutem como o fluxo de consciência e o monólogo interior representam marcas do modernismo e do impressionismo literário, enquanto reflexos do panorama contextual da literatura do início do século XX. A análise do conto de Woolf fundamenta e exemplifica a discussão conceitual prévia sobre os pontos de contato entre o impressionismo pictórico e o literário – itens pontuais do amplo modernismo estético apontado –, atentando para a sobreposição de uma nova “lógica subjetiva” à construção linear do enredo.

Em “Quincas Borba: as impressões em processo”, Fernando Tadeu Triques aborda o romance de Machado a partir de seus pontos de contato com o impressionismo nas artes. Inicialmente, Triques faz um levantamento amplo do contexto histórico e artístico das últimas décadas do século XIX na França e no Brasil; a seguir, observa as escolhas temáticas e estilísticas machadianas em *Quincas Borba* a partir das “possibilidades de ascensão pelas quais a sociedade brasileira transitava”. Por fim, sem restringir Machado a uma possível classificação “impressionista”, Triques faz uma análise do romance sobre “seus próprios recursos expressivos – um processo”, que cuida das nuances cognitivas de Rubião, a quem está reservado o mesmo destino do filósofo e do cão Quincas Borba.



Em “Contra a saudade”, Franco Baptista Sandanello discute um conto inédito de Domício da Gama à luz do impressionismo literário. O texto conta com um anexo, em que se faz uma transcrição do conto, assim como sua reprodução fotográfica.

Já Gustavo Rodrigues da Silva, em “As didascálias impressionistas do esperpento *Los cuernos de don Friolera*”, tece uma comparação inusitada e grata entre o impressionismo e os *esperpentos* de Valle-Inclán. Rodrigues da Silva faz uma reflexão, sobretudo, sobre as didascálias presentes em *Los cuernos de don Friolera*, aproximando-as de uma discussão sobre o quadro “*Boulevard des Italiens*”, de Camille Pissarro. Até o momento, não temos notícia de aproximação semelhante entre indicações cênicas de peças teatrais e o impressionismo literário.

Por sua vez, Israel Pompeu Faria Martins, em “*El Cordero Carnivoro: Impressionismo e Memória no Pós-Guerra Civil Espanhol*”, discute a experimentação narrativa com as focalizações, a partir de uma tipologia genetteana, como ponto nevrálgico do sentido impressionista do romance de Gómez-Arcos. Martins vale-se de autores como Halbwachs e Kronegger para debater os pontos de contato entre narração, impressionismo e memória, sempre atentando para a inserção da obra dentro do contexto da ditadura franquista.

A seguir, Valentina Figuera Martínez, em “Vestígios impressionistas em *Margem de manobra*, de Cláudia Roquette-Pinto”, analisa a onipresença da luz em dois poemas (“Vaso de vidro” e “20 de abril de 1883”) enquanto elementos de “transposição pictórica” no texto poético. Martínez faz uma análise atenta da atomização do mundo presente na cosmovisão impressionista, e aponta uma herança duradoura – “vestígios” – de tal estética na poesia contemporânea.

Por fim, Vanessa Aparecida Kramer e Raquel Terezinha Rodrigues, no artigo “Impressionismo e espaço urbano: uma leitura do conto ‘Francisco’, de Adelino Magalhães”, fazem uma discussão contextual sobre as condições de nascimento do impressionismo na Europa e de sua incursão pelo Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX. Com o apoio de diversos críticos e historiadores, Kramer e Rodrigues tecem uma leitura sociológica do conto “Francisco”, destacando as tensões sociais e suas implicações no fluxo das memórias e dos remorsos do narrador.



# AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



## Produção Artística

Por sua vez, a Produção Artística traz um conto inédito de Menalton Braff, “O Hortelão”. Menalton Braff é um dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea, e, como ele próprio observou em entrevistas, possui um diálogo estreito com a pintura e com o impressionismo em romances como *Moça com chapéu de palha*, *Bolero de Ravel*, dentre outros.

\*\*\*

Em tempo, fazemos um agradecimento especial a Cedric Watts e a Menalton Braff, pela gentil cessão de seus textos para o presente número da *Afluente*. Trata-se de contribuições inestimáveis para a revitalização do diálogo entre “impressionismo” e “literatura”, que ampliam a proposta do presente número, assim como o escopo de discussão desses termos atualmente no país.

Indicamos, ainda, a tela utilizada na ilustração da capa: trata-se de um recorte de “*La lecture*” (1888), de Berthe Morisot, parte do catálogo permanente do Museum of Fine Arts of St. Petersburg, Flórida (EUA).

\*\*\*

Percebe-se, por fim, a pluralidade dos enfoques e contribuições dos autores aqui coligidos. Sem mais, convida-se o leitor a navegar pelas sendas deste novo veio da *Afluente*.

**Prof. Dr. Franco Baptista Sandanello**  
AFA / UFSCar / UFMA